

Chega de conversa

KURT PESSEK

01 FEV 1992

Qualquer país onde a economia viva à matroca, os especuladores ganham muito, enquanto os assalariados — milhões — ameaham cada vez menos. A mola propulsora da especulação é, sem dúvida, o boato. Boato sólido, consistente, de razoável credibilidade, balance o coreto e os frutos escorregam doces e generosos aos bolsos dos traficantes do ramo. Boato bom mesmo é o que se estampa na manchete de grande jornal.

Ninguém se engana ao dizer que, até, pode haver conluio de órgão da imprensa com gente do ramo. É difícil, mas não descartável a priori. Daí a ira do Presidente contra a notícia do dito "plano carnavalesco" publicado por grande jornal de São Paulo. Arroubo perigoso. Primeiro, pelo fato de cutucar a onça com vara curta. A mesma que enfrentou os prebostes de Collor sob o comando de Tuma. Assim sendo, Collor cavou a primeira pá do túmulo que o engoliu por inteiro. Se-

gundo, pela simples verdade de que algo deve ser feito e urgente. Urgentíssimo.

O jornal na berlinda, simplesmente, disse o que todos esperam. Ou se coloca um freio nos aumentos catastróficos dos preços ou nós estaremos às vésperas do salve-se-quem-puder. O descontrole é tamanho que todas as nossas cidades se transformaram no famoso e mítico mercado de Bagdá. Os órgãos controladores do governo, tipo Sunab, perderam as rédeas, e nós, os compradores, não temos mais parâmetros comparativos. Ninguém sabe o preço de qualquer produto ou serviço à venda.

É impossível para o assalariado, hoje, dividir os magros recursos pelos itens transporte, alimentação, vestuário e outros. A todo dia, somos surpreendidos com os aumentos e ninguém — nem Nostradamus — pode prever se o seu salário sobreviverá ante as necessidades básicas mensais. Cada vez esta-

mos mais próximos da letra do samba no qual o marido diz, à sua mulher: "Pode guardar as panelas porque o dinheiro não deu".

O governo — à semelhança de todos os outros — agarra-se nos aumentos de impostos para salvar-se. Nada mais inteligente e eficaz foi proposto. Para tanto, qualquer Jeca Tatu estaria apto a timonear as finanças. A lei correspondente ao futuro gravame talvez nem seja aprovada, só por isto a notícia de outros planos torna-se esperável.

Disto tudo, ficou-me nos ouvidos a frase do ministro Haddad reiterando que voltaria a conversar com os empresários a fim de obtê-los a devida colaboração. Quantas vezes ainda nós seremos submetidos a esse repetitório vazio. Esse povo nunca foi tanguado a conversa, senhor Ministro! Nós todos precisamos de atitudes firmes, rápidas e competentes. Soluções, não conversas. Ora tibe!

■ Kurt Pessek é escritor